

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

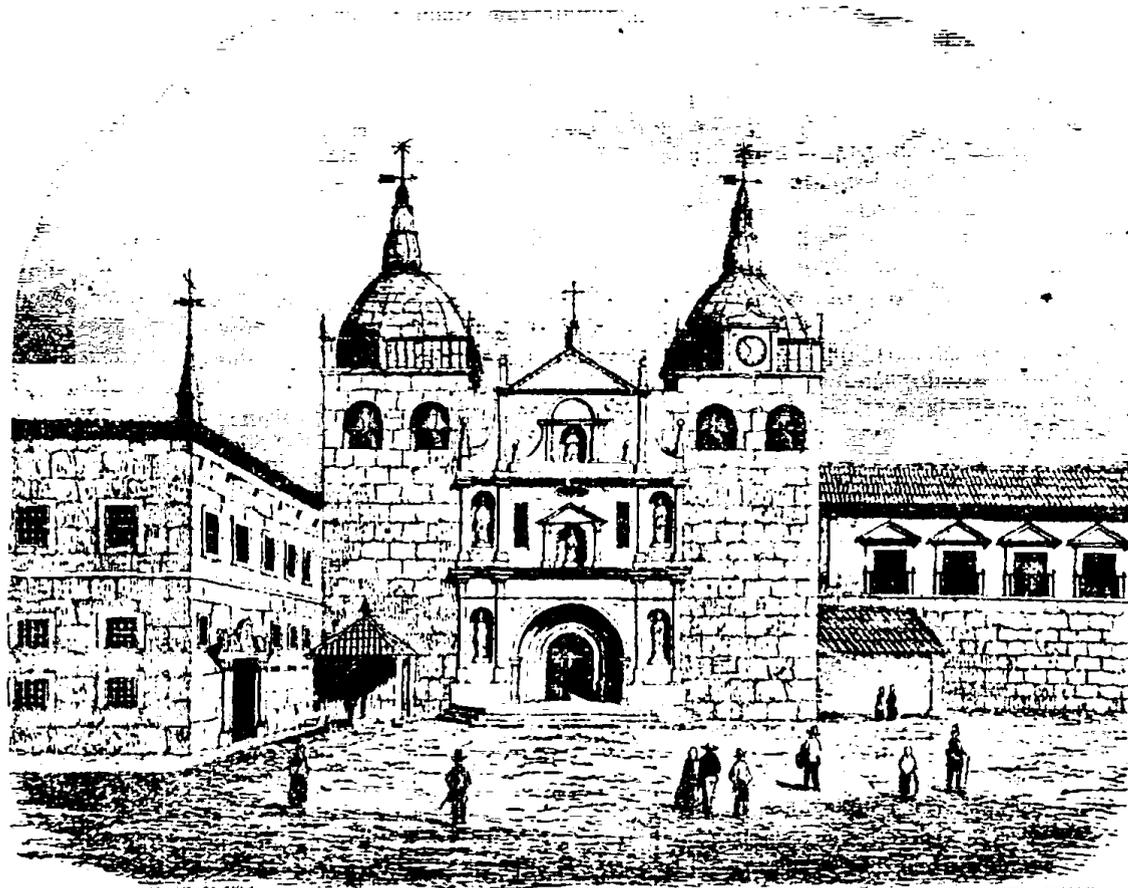
RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens me; sum
ad destinatum persequor, ad b'vium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—Secção Religiosa: *As Obras Moraes e Theologicas de Santo Agostinho*, por J. C. de Faria e Castro.—Secção Scientifica: *O Papado e a civilisação, Discurso do Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. Dr. Theotônio Manuel Ribeiro Vieira de Castro*.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 25.^o*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *Exercícios*, por Dom Antonio d'Almeida; *Coisas! Coisas!* por um leitor de gazetas.—Secção Illustrada: *Mosteiro de Santa Maria d'Alcobaça, III*, por R.—Secção Bibliographica: por Alberto dos Guimarães.—Secção Necrológica: pelo Padre José Maria da Silva Peixoto.—Retrospecto da Quinzena, por J. de Freitas.—Bibliotheca Romantica, 8.^a folha, *A Filha da Condessa*, versão de Mattos Ferreira.

Gravuras: *Sé de Vizeu; No maior da refrega.*



SÉ DE VIZEU

SECÇÃO RELIGIOSA

As Obras Moraes e Theologicas de Santo Agostinho

(Ao meu amigo conego da sé d'Evora, Alfredo Cesar d'Oliveira)

Não é a vida de Santo Agostinho que nos propomos escrever aqui aos leitores do «Progresso Catholico».

A vida d'este sabio doutor da Igreja, do vulto mais elevado (que me deixem a mim dizer assim) que tem conhecido os seculos, já anda na idéa de todos os christãos esclarecidos.

E tão extraordinariamente grande foi este heroe da fé, que, nós, mal podemos, na nossa mesquinha e insignificante pequenez fallar de suas virtudes, até mesmo das suas obras, dos serviços por elle prestados á Igreja e ás lettras.

No entanto, vamos tentar apenas dar em rapidos traços aqui aos nossos leitores, uma noticia das obras Moraes e theologicas d'este illustre doutor da Igreja; e nada mais.

Nascido em Africa no anno 354, foi Agostinho, moço, rico, e de estirpe nobre, educado nas lettras putridas do paganismo.

Santo Agostinho seguiu a principio os erros dos *manicheus*; porém, os *Livros de Platão*, os *Discursos de Santo Ambrosio* e as *Epistolas de São Paulo*, fizeram a grande obra da sua conversão. Santo Agostinho foi baptisado por Santo Ambrosio em 395. Depois de combater os hereticos e instruir o povo, morreu no anno 430.

As suas obras que, repetiremos, apenas fará o fim do nosso estudo, são por si só uma theologia completa.

I

Obras Moraes

Com quanto se perdessem numerosos escriptos do doutor da graça, assim mesmo todas as suas obras ainda prefazem doze volumes in-folio, que comprehendem um grandissimo numero de dissertações sobre todas as materias de moral e de theologia, quasi mil sermões e homilias, cerca de trezentas epistolas, e emfim as suas duas obras mais desenvolvidas e mais populares: as *Confissões* e a *Cidade de Deus*.

Um rapido estudo critico e algumas citações valiosas permittirão o fazer uma idéa exacta do poder e da fecundidade d'este grande bemfeitor da razão, e da sciencia, d'este grande interprete da verdade.

As *Confissões*, cuja data não se encontra rigorosamente fixada, são a obra

a mais original de Santo Agostinho. E' o exame de consciencia d'uma alma que conhecera e medira, sobre si mesmo e por sua propria experiencia, todos os degrãos da escada moral que a liberdade humana possa subir ou descer. Na mesma ordem de idéas, depois das *Confissões*, a obra que prova que a verdade seria para si mesmo fôra sua inspiração até ao derradeiro suspiro de sua vida, forão as *Retractações* escriptas aos 63 annos de idade para explicar e corrigir todas as obras que elle havia publicado e todas as opiniões que havia emitido.

A analyse profunda e apaixonada dos sentimentos os mais contraditorios não é para Santo Agostinho, como ella o fôra mais tarde para dois grandes pensadores francezes—Montaigne e João J. Rousseau e para a turba dos imitadores, uma occasião de se glorificar a si mesmo; o christão não erige o pedestal da sua vaidade para triumphar com uma humildade hypocrita ou com um cynismo descarado; não, é de ordinario o titulo mesmo da obra, é a confissão sincera das agitações de sua alma; e esta confissão é corôada por um acto de gratidão para com Deus que o tirara do abysmo. A humildade sincera do arrependimento manifesta-se nesta franqueza do principio do livro II:

«Vou recordar as minhas paixões d'out'ora e os desvios carnaes da minha alma. Não porque eu ame o mal; mas é para vos amar, ó meu Deus. E' o vôo d'este amor que me faz repizar estes caminhos de iniquidade com a amargura do arrependimento. Assim provarei a vossa bondade, ó delicias verdadeiras, delicias que goso com tanta segurança.»

* * *

O interesse o mais vivo e o mais geral da obra de Santo Agostinho está concentrado nos seis primeiros livros. Primeiramente, nota-se ahi a expressão da sua dôr, quando um amigo lhe foi roubado pela morte; mil detalhes demonstram esse espirito de analyse psychologica do qual os Soliloquos e as *Confissões* são dois monumentos immortaes.

«A dor foi um véo sobre a minha alma, tudo o que eu via era a imagem da morte. A patria até se tornava para mim um supplicio, o lar paternal um insupportavel aborrecimento. Tudo o que me havia a si ligado, sem elle tornava-se um cruel tormento. Os meus olhos o procuravam por toda a parte sem nunca o achar. Todos os objectos me eram odiosos, porque elles não continham e que elles não podiam mais, como durante a sua vida, quando elle se achava ausente, me dizer: «Eil-o,

elle vae vir!...» O' demencial o não saber-se amar os homens como homens!»

* * *

Nunca a vaidade das seducções e das extravagancias da mocidade fôra tão revelada com uma simplicidade tão viva e tão fallante como n'estas linhas das *Confissões*:

Emfim, eu parti para Carthago. Apenas que lá cheguei, logo me vi cercado por uma infinidade de reprehensiveis amores que me sollicitavam por todos os lados... A paz e o socego me pareciam intoleraveis, não buscava senão os caminhos cortados de ciladas e de precipicios.

«Mas a minha felicidade teria sido o ser amado tão bem como em amar; porque é no que se ama que se deseja achar a vida... Eu caia emfim em ciladas em que eu desejava cair, eu fui amado e eu era senhor do que eu amava. Ai de mim! ó meu Deus, em lugar das doçuras que eu pensava esperar, só me achei com rivalidade, suspeições, medos, coleras, disputas e arrebatamentos!»

* * *

E' que, mesmo nas mais culpaveis extravagancias da sua mocidade, elle sentia a presença e a mão de Deus:

Sempre ali estaveis, ó meu Deus, e a vossa misericordia infligia-me mil dissabores e espalhava os mais amargos remorsos por cima de todos os meus vãos prazeres.

Sobre a auctoridade superior e divina da razão bem consultada, nenhum argumento é tão forte como esta apostrophe das *Confissões*:

«Vós estais em todo o lugar. Verdade eterna... a todos que vos chamam, dais resposta. Com clareza é como respondeis sempre; mas nem sempre sois ouvido com a mesma claresa... Os vossos bons e fieis servidores são aquelles que, em lugar de quererem que lhes deis resposta segundo seus desejos e suas propensões, não tratam senão de conformarem-se com aquillo que vos agrada de fazer-lhes ouvir.»

Portanto que quadro d'uma alma tal como nol-a já descreveu S. Paulo, d'uma alma «espojandô-se e barafustando-se na sua corrente» sem haver animo de a romper:

«Sim, dizia eu a mim mesmo do intimo do coração, sim, é agora que cumpre emfim entregar-me a Deus.» Já esta palavra me fazia avançar para o termo: eu ia terminar o meu designio, e portanto não o terminava. Certamente, que eu não ia de novo cair no abysmo; era sobre a margem que eu estava, e tomando folgo, eu aproximava-me até do bem, um pouco mais ia-o tocar, o agar-

rar e o abraçar; todavia ainda n'elle não me achava. Sentia-me parado por essas doidas vaidades, as minhas antigas amantes que me puchando como por o fato de minha carne murmuravam ao meu ouvido: «O que! tu nos expedes; o que! de aqui por diante tu nos deixas para sempre; de aqui por diante tu vaes perder a liberdade de obrar a teu capricho e tu a perdes para sempre.» O que ellas me suggeriam com estas palavras «a teu capricho» o que ellas me suggeriam, ó meu Deus, concedei eliminar da memoria do vosso servo... Quantas manchas! quantas infamias! Assim ellas conseguiram afrouxar meus passos; meus esforços para as repellir eram languidos, e eu ouvia ainda a voz tyrannica do habito que me dizia: «Tu pensas acaso poderes viver sem nós?»

* * *

Os dialogos *Contra os Academicos* são o preambulo e a inspiração da sua vida nova. Do que se trata é apenas o limitar a duvida; convem destruir e substitui-la pela convicção religiosa. Portanto, com uma grande candura, o joven doutor oppõe aos probabilistas esta objecção sem refutação: para reconhecer o que é verosimil, isto é, semelhante á verdade, o conhecimento da verdade é uma primeira e indispensavel condição: não ha pois senão uma intelligencia capaz de certeza absoluta que possa discutir as probabilidades.

Por um sentimento d'uma subtileza encantadora, elle dedica o seu primeiro estudo moral ao protector da sua mocidade, ao Romanico que a desventura vinha de ferir:

«O que te pertence, é o haveres posto em primeira ordem a honestidade, o haveres preferido ser generoso que rico, justo que poderoso, o não haveres nunca curvado nem diante da adversidade nem diante do vicio. E' isto o que ignoro de divino que dorme em ti no doce comprimento da tua felicidade mundana; é o que uma secreta Providencia quiz animar ferindo-te.»

(Continua).

J. C. de Faria e Castro.

SECÇÃO SCIENTIFICA

O Papado e a Civilisação

Discurso pronunciado pelo Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Dr. Theotônio Manoel Ribeiro Vieira de Castro, professor e Vice-Reitor do Seminário portuense, por occasião da solemne

abertura das aulas do mesmo Seminario.

(Conclusão do n.º anterior)



INTERVENÇÃO pois dos Papas era uma necessidade e um dever: e foi sempre um beneficio social.

Mas é sobretudo, no estabelecimento e garantia da paz internacional, que o Papado mostra a superioridade incontestavel de suas influencias e luzes. Não podendo supprimir as guerras, procurou diminui-las. Impunha para isso, as chamadas Treguas de Deus, segundo as quaes em certos dias, ou durante longos periodos, não era permitido em nome da religião, o exercicio da força: e assim inclinava pouco a pouco as nações para a doçura e urbanidade, hoje gloria da Europa christã, para o triumpho do direito, para o amor da paz e da ordem universal.

Em segundo lugar, a Europa belligerante, pelo consenso tacito das nações, e pela força da situação, era chamada ao tribunal augusto e supremo do Pontífice Romano.

Espectaculo maravilhoso, Meus Senhores!

Era um juiz internacional, um arbitro soberano a quem Reis e Imperadores veneravam e davam o doce nome de Pae, e que, entre elles, dirimia litigios, determinava direitos, limitava conflitos!

Quantas guerras e exterminações não poupou, entre as diversas nações da Europa, essa pacifica mediação dos Innocencios, dos Honorios, dos Alexandres, até Clemente VIII?

Quantas vespersas sicilianas, pergunta Lachaud, (1) poupou ao mundo este direito publico europeu, fundado na fé dos povos, e nos serviços prestados pelo Papado?

Por isso Chateaubriand, (2) hoje seguido por muitos publicistas contemporaneos, e antes d'elle os protestantes Grotio, Leibnitz, e o proprio Voltaire, reclamavam para a felicidade dos povos, garantia suprema de todos os direitos e paz do mundo, que se escolhesse a pacifica arbitragem dos Papas (3), para dirimir os pleitos internacionais.

O exercicio normal d'este Primado pacifico dos Pontífices eslava eclipsado ou paralyzado, desde 1598, pelo desaparecimento do direito publico christão.

Ha porém apenas tres annos, com

(1) Obr. cit. Conf. 6.º

(2) Obr. cit.

(3) Le Livre de Or, xxxix e 296; Deker obr. cit. cap. 8.º § 8.

grande espanto da Europa inteira, «o Papado, escrevia então uma penna protestante, (1) reconquistou uma missão que não conhecia desde a Reforma», assumiu com effeito a missão augusta de medianoiro da paz internacional. O Chanceller de sangue e de ferro propoz a mediação do Soberano Pontífice actual, para aplanar as graves difficuldades creadas entre o imperio da Alemanha e a Hespanha, a proposito da soberania das Ilhas Carolinas. E a Magestade do throne Pontifical, elevou-se no mundo inteiro, ao conhecer-se a sabedoria com que Leão XIII, como arbitro imparcial do direito das gentes, desempenhou tão delicada missão, renovando assim, no seculo XIX, o magnifico spectaculo dado por Alexandre VI, no seculo XVI, dispondo da terra, e dividindo-a entre os Principes!

MEUS SENHORES:

Eis o que o Papado tem feito para conquistar, propagar, e conservar a Civilisação.

Dizei-me, Meus Senhores, se encontraes alguma cousa mais sublime e divina, mais digno de contemplação, no decurso dos seculos, alguma cousa comparavel a esse triumphante cortejo de 261 Pontífices, caminhando das catacumbas a Constantino, de Constantino a Carlos Magno, atravessando a cidade media com as suas luctas e glorias, os seculos modernos com as suas convulsões e tempestades, e hasteando sempre, no centro das nações, o sceptro da civilisação?

Sim, Meus Senhores, nos olhos de ultramontanos e cismontanos, de Catholicos e de Protestantes de bom senso, os fastos magnificos do Papado, o apresentam qual fulgido pharol illuminando as intelligencias, e escudo que protege os direitos da verdade; Mecenas eximio das sciencias, bellas artes e bellas letras; baluarte contra a injustiça ou o despotismo; tribuno vigilante da liberdade, da fraternidade e do direito; arbitro e pacificação dos povos e dos Principes.

Do mesmo modo que é elle, como diria Nicolas, o istmo que prende a terra ao ceu, foi elle o grande educador do genero humano, escrevia ha dias o Gaulois; é elle a chave da abobada de todo o edificio social e politico da Europa, como lhe chama um escriptor Protestante; é o carro triumphal que leva consigo, ha 19 seculos, o progresso e a civilisação.

Atacar, pois, o Papado é atacar a civilisação: reconhecem-o, em magnificos elogios, os historiadores protestan-

(1) Sir Carlos Dilke na Fornightly Review.

tes Muller, Raumer, Leo, Voigt, Hurter, Ranke, Gervier, Macaulay e o proprio Voltaire.

Economistas, publicistas, historiadores, homens d'Estado contemporaneos já não võem hoje, no Papado, um inimigo do progresso social, mas o consideram como o polo mysterioso, sobre o qual se orienta o seu pensamento, e, com formulas leigas, já traduzem os axiomas do direito social christão.

Vestido de gloria e de honra, o Papado eleva-se sobre o horisonte da nossa civilisação, sempre mais bemfazejo, sempre mais alto, sempre mais radiante.

A Magestade sobre humana que hoje o rodeia, e a veneração sem limites de que é objecto da parte dos povos, são bens de mão morta de que nenhuma legislação humana pôde impedir o augmento indefinido.

Elle não teme ameaças nem alianças. Está vivo n'uma instituição immortall, vivo em principios puros e immutaveis, vivo no direito das gentes, assim como vive e palpita, no sanctuario da consciencia de 225 milhões de almas.

Um novo periodo de potencia e esplendor, que fará talvez empallidecer o brilho dos seus mais bellos triumphos d'outr'ora, a Providencia reserva ainda ao Papado. Talvez a abolição do militarismo ou paz armada, que hoje avassalla a Europa; talvez a extincção do duello empenhado, todos os dias com mais furor, entre o capital e o trabalho, entre a riqueza e o proletariado, que reclama um mediador, que seja ao mesmo tempo, o pae dos pobres e dos ricos, dos operarios e dos chefes, e o qual conceda a democracia do seculo XIX, ou do seculo XX a grande *Carta do trabalho*.

O esplendor inaudito das festas jubilaes, ao mesmo tempo que, como diz Barthélemy S. Hilaire, fazem honra à civilisação, são um symbolo do futuro.

Tudo prepara e annuncia essa grande epocha. Uma aurora resplandecente se ergue sobre os batalhões da Igreja, que se armam para grandes combates (1).

Colocado no pinaculo do mundo, Leão XIII está já d'ella todo illuminado, e, em suas feições sagradas, vemos brilhar o ledo esplendor. Assim, nos Alpes, a noite cobre ainda os vales, e já o viajante, levantando os olhos, sauda a luz do dia, que doura as cumiadas immaculadas do Jungfran.

Amados Seminaristas.

Nobilissima é a missão que vos espera! Santissimo o ministerio para que vos preparaes.

(1) Le Livre d'Or, pag. 396.

Devereis ser luz: *vos estis lux mundi*. Por isso ao mesmo tempo que deveis enriquecer o vosso espirito, com o alto estudo das sciencias dogmaticas e moraes, que vos adestrarão no profundo conhecimento e na illustrada defeza e pratica da verdade, cumpre-vos tambem comprehender a vossa força, e conhecer a vossa epocha. O Papado espargiu um brilho mais vivo, a humanidade desenvolveu-se mais harmonicamente, nas epochas em que o Clero, por intelligencia e por officio, era o guia da sociedade. Esta lei está gravada, nos monumentos da historia, assim como a lei contraria.

Cumpre-vos pois consagrar vossos nobres esforços applicando os ensinamentos do Summo Pontifice, em ordem às questões da Theologia Social. No cahos moral e intellectual da epocha em que nascemos, encontram-se ainda alguns fragmentos de verdade, certas tendencias generosas, como lhe chama Ramière (1), que, longe de serem condemnadas pela Igreja, são um effeito da sua maternal influencia: são restos de Christianismo que constituem ainda a superioridade da nossa civilisação. Devereis portanto ensinar e demonstrar à sociedade moderna que, se ella não quer condemnar-se a uma irremediavel degradação, deve pedir a realisação das suas tendencias à Igreja, ao Papado.

Devereis ser, e principalmente, espelho de virtudes: *vos estis sal terrae*. Para isso, reflecti maduramente antes de dardes o passo delimitivo, que vos prendera eternamente a «um estado superior ao angelico» (2).

Por quanto, não obstante terdes de viver, nos focos de uma sociedade corrupta e corruptora, deveis não sómente não conspurcar os arminhos da realza sacerdotal nos lodos do vicio, mas tambem, com o vosso exemplo, ensinar a apreciar as doçuras d'uma vida pura e innocente.

De resto, aos inimigos do Clero estendei sempre a luva branca da urbanidade, e da generosidade. E nunca os temaes.

Ouvi. Scipião, o grande, depois de tomada Carthago, ouvia um surdo tumultuar no exercito. Eram os seus romanos que, vendo o inimigo fechar-se nas fortalezas, e acampar, temiam uma fatal sortida. Queriam que outras fortalezas se fabricassem contra aquellas. Sabeis que respondeu Scipião? «*Soldados, descançae; é ridiculo ter medo de quem sente medo.*» Os inimigos vossos, queridos Seminaristas, os inimigos do Clero, os inimigos do Papado encerram-se nos baluartes da incredulidade,

(1) Les Esperances de l'Eglise, Introd.
(2) S. Chrys. c. 3.º de Sacerd. c. 4.

da ignorancia (*ignorantia elenchi*), ou do insulto, ao passo que o mundo intelligente e honesto respeita o Clero, festeja o Papado (1). Mas olhae bem para elles. Tem medo do vosso talento e sciencia, tem medo da vossa virtude, tem medo do vosso numero. Para que pois ter medo de quem sente tanto medo?

Continuae pois a ser bons Seminaristas, para serdes bons Padres, por tanto bons patriotas. E assim, caminhareis sempre na vanguarda do verdadeiro progresso que illumina e reabilita, da verdadeira liberdade que ennobrece e consola, da verdadeira Civilisação que regenera e triumpha.

É, n'essa esperanza, que hoje se reabre este Seminario.

DISSE.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

25.º

(Continuado do n.º anterior)

XLVII

P. Francisco Sacchini

ENDO já fallado dos PP. José Jouvençy e Nicolau Orlandini, que alem d'outras obras, escreveram a *Historia da Companhia de Jesus*, devemos tambem dizer alguma coisa d'outros dois que completaram aquelle trabalho: são os jesuitas Sacchini e Cordara.

Francisco Sacchini nasceu em Paciano, proximo da cidade de Perugia, no anno de 1570. Entrando na Ordem de Santo Ignacio na idade de 18 annos, e, conhecido o seu grande talento, foi chamado a Roma onde serviu o logar de secretario do seu Geral Mucio Vitteleschi, por espaço de sete annos. Alli tambem por muito tempo regeu uma cadeira de rhetorica.

Morreu em Roma a 16 de dezembro de 1625, deixando varias obras, de que a principal é a continuacão da *Historia da Companhia de Jesus*, principiada por Nicolau Orlandini. Consta de 4 volumes *in-folio*. Comprehende esta historia o generalato de S. Francisco de Borja, o de Everardo Mercuriano, e ainda toca no de Claudio Aquaviva, um dos mais gloriosos da Companhia.

E' esta historia escripta com grande pureza de linguagem, n'um estylo nobre, elevado e sonoro, cheio de vivacidade

(1) Card. Alimonda. L'uomo sotto la legge del sovrannaturale, III, conf. 8.º

e interesse. O P. Sacchini em nada mereceu do seu antecessor.

Escreveu, além d'isso, algumas obras instructivas, proprias para as escholae. São muito interessantes, porque reúnem as condições que se exigem em livros d'esta natureza na educação da mocidade: lições de religião, sciencias e virtudes, redigidas com methodo, energia e brevidade.

E, se o jesuita Sacchini foi peritissimo em historia, não foi menos virtuoso, humilde e rigoroso na observancia religiosa. Basta dizermos que procurou imitar o grande S. Francisco de Borja.

XLVIII

P. Julio Cesar Cordara

Este doutissimo jesuita foi o ultimo que trabalhou na grande *Historia da Companhia de Jesus*, e na parte do maximo interesse, pois chega quasi ao tempo em que a apostolica congregação começou a ser perseguida com furia pelas potencias, dando em resultado a sua extincção.

Julio Cesar Cordara nasceu em Alexandria, no antigo reino de Sardenha (Italia), a 16 de dezembro de 1704. Era descendente d'uma familia nobre, dos condes de Calamandrano. Vestiu a roupa jesuitica em 1719, fazendo a sua profissão solemne em 1734.

Residiu muito tempo em Roma onde publicou a ultima parte da mencionada historia, escripta com pureza, elegancia e dignidade: é um volume *in-folio*.

Em 1774, depois da extincção da Companhia, o P. Cordara regressou à sua cidade natal, e ahi viveu retirado no collegio de Santo Ignacio, que o rei de Sardenha, Victor Manuel III, destinou para os jesuitas que quizessem viver reunidos.

Morreu em Alexandria a 6 de março de 1784, respeitado de todos por sua sciencia e virtudes, pois que elle era um verdadeiro religioso.

Além da historia de que temos fallado, este sabio jesuita publicou outras muitas obras de importancia, distinguindo-se até na poesia e na eloquencia do pulpito.

Algumas das suas produções litterarias restam manuscritas, e conservam-se em Roma, nos *Archivos de Jesu*. São de muito interesse para a historia da extincção da Companhia: o P. Cordara faz justiça ao Papa Clemente XIV.

Por alguns extractos que temos lido d'esses manuscritos se reconhece o seu merito.

XLIX

P. Renato Rapin

Theologo, controversista, poeta, hu-

manista, mystico: tal foi o jesuita Rapin, de quem nos vamos occupar. Em todos os generos de sciencias, sobre que empregou a sua penna, revela um talento superior.

Este erudito varão nasceu na cidade de Tours (França), em 1621, professando o instituto da Companhia de Jesus em 1639. Sendo ainda joven, começou a mostrar uma rara propensão para a poesia latina, e, dedicando-se a este genero, ensinou por nove annos bellas lettras com muita distincção.

A um genio feliz, a um gosto seguro, juntava uma probidade exacta, um coração recto, um caracter amavel e costumes doces, sendo estimado de todos os que o conheciam e tratavam. Morreu em Roma, em 1687.

A obra principal em poesia latina que lhe adquiriu renome, é o poema dos *Jardins*, do qual diz o nosso P. José Agostinho de Macedo que é tão *fragrante como suas flôres*. Este bellissimo poema é lido com agrado pelos homens de gosto, e o verdadeiro poeta acha n'elle muito que estudar.

É digno do seculo de Augusto pela elegancia e pureza da linguagem, pelo espirito e graça que n'elle reinam. A amenidade das descripções faz desaparecer a aridez dos preceitos, e a imaginação do poeta sabe divertir o leitor por fabulas alegres e bem escolhidas. Não são menos bellas e estimadas as eclogas do P. Rapin. Todas essas obras estão a par das Georgicas e Bucolicas de Virgilio.

Ainda que o P. Renato Rapin fosse um grande poeta, não se jactava d'isso, e até parecia ter em pouco apreço a poesia: era um homem modestissimo. Conta-se d'elle o seguinte facto.

Um dia Duperrier e Santeuil, poetas contemporaneos, de grande fama, apostaram o qual d'elles comporia melhores versos latinos. Não querendo Menage ser juiz n'esta causa, resolveram consultar o P. Rapin. Encontraram-n'o saindo d'uma igreja. O jesuita, depois de lhes exprobrar fortemente a sua vaidade, lhes disse que os versos nada valiam, e reentrou na igreja d'onde tinha saido, lançando na caixa das esmolae o dinheiro que os dois contendores lhe tinham consignado.

As outras obras do jesuita Rapin versam sobre eloquencia; varios tratados de poesia, historia e philosophia; comparações de Virgilio e de Homero, de Demosthenes e de Cicero, de Platão e de Aristoteles, de Thugdides e de Tito Livio; muitos livros de mystica e piedade, cheios de pensamentos judiciosos, de juizos rectos, n'um estylo elegante e conciso. Elle publicava alternativamente obras de litteratura e de piedade.

Escreveu tambem uma obra notavel

contra o jansenismo, que deixou manuscrita, sendo impressa ha poucos annos. N'ella faz ver o que é a pestifera seita jansenista que solapadamente procura destruir a Igreja Catholica.

Por este esboço biographico se vê que o bom jesuita Rapin foi uma notabilidade na litteratura, nas sciencias e na theologia.

L

P. Pedro José de Orleans

Este famoso historiador, elogiado pelo mesmo Voltaire, nasceu na cidade de Bourges (França), no anno de 1641. Alistando-se na milicia de Santo Ignacio, seguiu a carreira do magisterio, ensinando primeiramente bellas lettras, e em seguida dedicou-se ao ministerio do pulpito, com muito successo; mas o ramo, em que sobresalhiu, foi na historia.

Sobre esta materia deixou o P. Orleans duas obras de incontestavel e incontestado merecimento: *Historia das revoluções de Inglaterra*, e *Historia das revoluções de Hespanha*. São escriptas em bello francez, e consta cada uma de 3 volumes *in-4.º*.

Estas historias são obras monumentaes, pelo estylo, pela eloquencia, pela exactidão, pelos quadros e scenas que a revestem: é o jesuita Orleans um historiador classico.

Alguns criticos lhe reprovam o não ter omittido na primeira historia as scenas de sangue que acompanharam o scisma de Henrique VIII, e as diversas perseguições que os catholicos soffreram depois d'aquella epocha. Mas então que queriam? Que o auctor sacrificasse a verdade da historia ao fanatismo philosophico? Não é esse o caracter do bom historiador, nem para isso se podia prestar o P. Orleans. Assim a falta, de que o accusam, constitue o seu maior merecimento: é um historiador exactissimo.

Deixou tambem algumas biographias de varões celebres da Companhia, varios sermões e um pequeno tratado de controversia, intitulado—*Methodo breve e facil para distinguir a verdadeira religião christã das falsas*. É o que ha de melhor n'este genero, segundo bons criticos.

O P. Pedro José de Orleans morreu piamente em Paris a 31 de março de 1698.

Concluiremos este topico com uma anecdota: Um dia encontrou-se este jesuita com o duque de Orleans, irmão de Luiz XIV. O principe, sorrindo, disse: «Nós temos o mesmo nome, e pôde muito bem ser que sejamos parentes; porque provavelmente vós descendes d'alguns bastardos da casa de França.»

O bom P. de Orleans respondeu modestamente:

«Não, meu senhor, eu não tenho a honra de ser vosso parente. A casa de Orleans, de quem descendo, tinha o nome de Orleans trezentos annos antes que algum principe da casa real tomasse tal nome.» E dizia a verdade.

LI

P. Gabriel Daniel

Em ordem igual ao antecedente devemos collocar o P. Gabriel Daniel, nascido em Rouen (França), no anno de 1649, e que entrou na Companhia de Jesus em 1667. Depois de ter na sua terra ensinado varias sciencias por muitos annos, os seus superiores, reconhecendo o seu talento, o enviaram á casa professa de Paris, para ali ser bibliothecario.

Dotado d'um genio agudissimo, de prodigiosa memoria, d'um espirito indagador, o P. Daniel dedicou-se com especialidade á historia, sendo geralmente considerado um dos primeiros, se não o primeiro historiador da França. E' muito celebrada a *Historia* d'esta nação que elle publicou em 17 volumes.

E' a melhor historia que se conhece, pelo menos na parte que chega ao reinado de Luiz XI. E' reputada superior á de Mezerai, celebre historiador francez. Voltaire mesmo, no seu *Seculo de Luiz XIV*, denomina o jesuita Daniel um *historiador exacto, sabio e verdadeiro*.

E' certo que a historia do P. Daniel é uma obra christã, escripta com ordem, com dignidade, seria, grave, em estylo correcto e puro.

Elle não procura, como outros, accommodar os factos á conveniencia d'uma utopia ou d'um systema; só tem em vista a verdade, sendo sempre claro, judicioso, moderado.

A chamada philosophia da historia, de que tanto se tem abusado modernamente, as mais das vezes não é outra cousa que o systema de fazer servir a historia ás paixões e aos erros. O P. Daniel e outros jesuitas não procederam assim: encararam seriamente a missão de historiadores, contando os factos como elles existiram, acompanhados de judiciosas e sobrias reflexões.

O P. Daniel escreveu, alem d'isso, varias obras philosophicas, theologicas, apologeticas e criticas, devendo mencionar-se em particular a refutação que fez ás *Cartas Provincias* de Pascal.

Faremos notar que esta ultima obra do P. Daniel foi combatida pelo celebre Matheus Petit Didier, benedictino, e que depois foi Bispo de Maeza, no tempo em que favorecia o jansenismo. Comtudo ultimamente se separou inteiramente

da seita, e desapprovou o que tinha escripto em favor de Pascal.

Morreu este sabio e laborioso jesuita em Paris, no anno de 1728.

(Continua)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

Exercitos

INSUPPORTAVEL já o peso do custo dos Exercitos, ainda para estes os Governos estão pedindo mais e mais dinheiro; armados *hon-tem*, julgam-se mais ou menos desarmados *hoje* por isso que foi inventado um novo instrumento bellico como *agora—agora* acaba de novamente acontecer *verbo* espingarda; logo *milhões* e mais *milhões* para fazer a nova arma a distribuir aos Exercitos ou ao menos para acomodar a *velha* á ultima invenção em quanto não apparecer outra; e como um nunca acabar, e paguem os *contribuintes!*

Diz-se, que para a guerra é mister dinheiro, dinheiro e mais dinheiro; podem nos tempos que *vam correndo* dizem os Governos que *correm* com elles, que é para haver paz que se carece ou carecem os Governantes de dinheiro, dinheiro e mais dinheiro! Ora paz *comprada* a dinheiro não pôde ser Paz! que credito poderá merecer a palavra dos Governos, fallando de paz e operando para a guerra? Buscam attenuar ou antes conciliar tal contradicção, asseverando que é para preparar a *defensiva*, mas todos apresentam o mesmo argumento, e assim onde estão os *offensivos?*

Os Governos compostos de homens *do tempo* procuram illudir-se e illudir *de moda do tempo*. O que não é illusão mas verdade e facto que ha uma voz unisona que diz: os Exercitos estão gravissimamente pesando sobre o suor e sangue dos Povos! E quando dizem Exercitos é no sentido amplo *de terra e mar*. A gravidade de aquelle peso é tal que é impossivel que elle seja sustentado por muito mais tempo! As *cousas vam de modo*, que se apresenta como inevitavel a maior effusão de sangue comparada com o vertido antes na maior das passadas pelepas entre exercito e exercito, e assim pela pertinacia na soberba não se querendo o recurso para a «Única Entidade» capaz de conciliar os Povos ou antes os Governos que pesam sobre os Povos.

A *Tregua de Deos* proposta pelo Soberano-Pontífice e aceita pelos Governos seria o primeiro passo para se che-

gar á Paz; dirão alguns, a guerra não existe! é capciosa esta asserção pois que se a guerra não está *declarada* está *in pello* e de aquelle «Modo» poderia ser evitada. E' certo que a guerra *cruenta* não existe no momento porem n'este existe a guerra *incruenta* e esta é ainda de peor natureza! Sim é a guerra feita á Verdade por todos os meios de desmoralisação, e que a guerra *cruenta* só destruiria se o horror fosse tal que a *Sociedade moderna* se regenerasse ou christianisasse como por um *Baptismo de Sangue!* Permittirá Deos que chegue e se verifique *esta hypothese?* entrada estará nas Disposições Divinamente Providenciaes, não querendo O Todo Poderoso outro *Diluvio?* *La trêve de Dieu* foi imposta a Povos christãos pelo Representante de Deos na Terra, lá n'outra época e aquelles Povos sujeitaram-se com maximo proveito seu; e hoje as Nações obteriam os verdadeiros resultados se os seus Governos fizessem *no todo* o que fizeram dous de elles n'uma questão parcial, mas que envolvia interesses nacionaes, Allemanha e a Hespanha *na questão das Carolinas*.

Ha pouco uma *revista* franceza, intitulada *France Militaire*, fallou de *Arbitragem* para conciliar os Governos de modo a *desarmarem*. Mas onde está o *Arbitro* que todos possam aceitar a não ser o Soberano-Pontífice? Esta Entidade que fez parar a guerra na Edade-Media pela *Tregua de Deos*, e que só Ella pôde evitar *agora*. Sem duvida o Soberano-Pontífice ao aceitar tal Arbitragem, evitando a guerra *Sangrenta* faria com Sua Santa influencia uma impressão salutar nos Governos para que estes se occupassem *deveras* da *Sociedade* e de este modo viria a terminar n'esta a já existente e longamente nefasta guerra *insangrenta* que o é *entre almas e almas* e não *entre corpos e corpos!*

Mas os Governos estão enfraquecidos tão notavelmente na moral e no moral, e a *Sociedade* está tanto rebaixada em sua desmoralisação, que o dilemma se impõe: Ou um *Milagre* ou um *Castigo Maior!* Porem como esperar o *Milagre* a bem de *uma Sociedade* cujos *dilectos membros* zombam impiamente dos *Milagres?* Assim, o *Castigo Maior!* E de este modo nos expressamos *pela Logica-Theologica*, sem que *nem deva parecer* que ousamos entrar em Segredos Divinos, nem apresentarmos-nos como Profeta. A Verdade Eterna tem as Suas Preposições de Eterna Verdade, e Ella diz: «Quem não é comigo, é contra mim!»

A *Sociedade* não está com Deos, logo está contra Deos! Os Exercitos apresentam uma enorme força material, mas não é esta a que pôde reformar a *Sociedade*; os Exercitos desempenharão a

sua missio se fizerem a guarda—de— honra à Justiça e se fôrem *de Esta* o braço secular. «O Senhor dos exercitos» é infinitamente mais que o General de todos elles; e é exercito rebellado aquelle que vai contra o seu «Sapientissimo e Poderosissimo Senhor!»

O *Mundalismo* considera os Exercitos como grandes instrumentos servidores de suas ruins paixões, e assim os avilta e ultraja; não faltam *hoje* os factos que estam provando quanto é verdadeira esta *these!* Os Exercitos de *hoje* pódem ser ditos *de ouro* pelo quanto *que custam!* Permitta Deus que elles se *dourem* desthronando a *Revolução!*

Dom Antonio de Almeida.

da em embrulhos de arroz nas tendas reles do Porto e Villa Nova de Gaia, o que é uma gloria para o Guilherme Dias que pode ir fazendo recrutas entre as cosinheiras e os gallegos de recados.

Mas seja como fôr, é certo que o bispote de Villa Nova de Gaia celebrou ha pouco mais um anniversario da sua folheca, e botou espirito n'aquellas paginas escriptas ao brilho das lagrimas e aos impulsos de um coração opprimido pela dor que lhe causa o andar a representar papel de Satanaz ha tanto tempo. E n'um arranco sublime de eloquencia, Guilherme, escreve:

«Por entre as dores que nos tem alanceado a alma, n'este longo caminho,

isso é que eu não posso admittir-te. Vai-te, apostata de uma figa!

E' certo que elle, o Guilherme Dias, que antes se devera chamar Guilherme Noites, ante-vê no *horisonte das altas montanhas surgir o sol esplendido de uma nova redempção.* Que redempção será essa, ó homemsinho? E' capaz de nos dizer que essa redempção hade ser operada pelos *padres* protestantes, apostatas, como elle, de braço dado com as amasias, dando aos povos o exemplo da mais depravada concubinage. E' capaz de nos dizer isto, porque se não dissesse asneiras que havia elle dizer estando fóra da verdade?



NO MAIOR DA REFREGA

Coisas! Coisas!

Os nossos queridos leitores não conhecem, nem de nome, o que muito devem agradecer a nosso Senhor, um pamphleto que semanalmente se publica no Porto, redigido por um apostata de que por vezes nos temos occupado, e a que o tal *padre* da geringonça den o nome de *A Reforma.* E' nojentto o pasquim, admirando-nos muito que haja quem o leia, porque quem o pague, a não ser o dinheiro da infamissima propaganda que ás escancaras se faz em Portugal das heresias de Lutero e Calvino.

Para descargo de consciencia quer-nos parecer que a *Reforma* é emprega-

a nossa frente não se tem curvado, e os nossos olhos, nem por um momento só, deixaram de fitar-se no horisonte das altas montanhas, onde vemos surgir o sol esplendido de uma nova redempção.»

Um abraço, impagavel Guilherme! Quem te viu de jaqueta e fxa à fadista, e te vê agora a fitar o *horisonte das altas montanhas,* hade julgar que ainda fitas as mezas do monte, pois que só essa lembrança podia levar-te a escrever tão sublime pensamento. *O horisonte das altas montanhas!* Vai-te, apostata de uma figa! Que tu protestes contra a Religião de Jesus Christo e contra os ensinamentos da Igreja nossa mãe, vá; mas que protestes contra a lingua patricia e pinoteies até esfarrapar os nos-

Ainda seja mestre Guilherme que nos dê assumpto para mais outra cousa.

Subordinado ao titulo—*Tudo para os Padres* dá nos o amigo da comediante a noticia de varias casas conventuaes e objectos do culto serem distribuidos por egrejas e corporações religiosas, e uma das cousas que mais deu no gotto ao padrega da igreja evangelica foi esta:

«Concedendo ao cabido administrador da Sé cathedral de Lisboa e ás juntas de parochia das freguezias (que differença haverá entre parochia e freguezia?) de Alhandra e de Alpiarça diversos utensilios, ornamentos e mate-

riaes da igreja do supprimido convento das Grillas.»

Objectos estes, diz, que podiam ter uma applicação mais util.

E podiam; para os protestantes que bem sabem applicar *utilmente* o que tem roubado ás egrejas, aos conventos e casas religiosas de todo o genero.

Mostremos ao transfuga como os seus sabem fazer essas applicações. Para isso abramos a *Historia da Reforma protestante em Inglaterra e Irlanda*, por William Cobett, onde deparamos com o seguinte:

«Por aqui podemos suppor que o tyranno (Henrique VIII) não era dos que menos participava do roubo. O mesmo Cromwell lhe levava ou enviava em pequenos pacotes, ás vezes vinte onças de ouro, e outras vezes cincoenta, pedras preciosas de todos os tamanhos e valores, etc. Ilume, que tem por alvo denegrir a Religião catholica, não perde occasião de elogiar aos que a atacavam; porém, como é demasiado astuto para attribuir justiça nem humanidade àquelle monstro de injustiça e de crueldade, só fala da *elavação* da sua alma, da sua *magnificencia e generosidade*. *Nobre, magnânimo e generoso* rei, por certo, que, sentado no seu palacio de Londres, se occupa em receber o ouro, a prata, e as alfaias amontoadas pelos ladrões, que o mesmo havia enviado a roubar a uns vassallos, que em nada o haviam offendido.

«Um dos innumeraveis *item* dos objectos que lhe iam entregando, diz o seguinte:

•ITEM—ENTREGUE A S. M. EL-REI, NO MESMO DIA E DA MESMA PROCEDENCIA, QUATRO CALICES DE OURO, COM QUATRO PATENAS E UMA COLHER DO MESMO METAL, TUDO COM O PESO DE CINCOENTA E SEIS ONÇAS.—RECEBIDO.—HENRIQUE, REI.»

E' assim que os protestantes sabem dar applicação util aos objectos roubados á Igreja, e era assim que o *Guilhermino* queria que se fizesse com os objectos que foram tão convenientemente distribuidos, porque, sendo tudo arrecadado nas arcas do rei *reformista* era possivel que algum dos calices de ouro tocasse ao mestre Guilherme, para elle beber o bom vinho do Douro, em companhia da Sr.^a D. Guilherma e dos nenés.

* * *

E' verdade, que já me esquecia! O nosso homem já tem nenés, e pelos modos de tamanho bastante para ajudar o papá nos *grandes* trabalhos da reforma, pois que n'um dos numeros

da dita vemos uma baboseira traduzida por Guilherme Dias Junior.

Que felicidade! Já a *reforma* tem mais um reformador! Bravo! O peor é que a seita tem de vender mais algumas *bilias* para sustentar mais este pequeno; mas, isso que importa, quando esta vergonhea de um roble tão robustamente levantado nas grandes montanhas dos horisontes!

Deixamos Guilherme, por hoje, acariciando o filho da... amasia, não sem lhe dar o parabem por uma dita que eu até hoje ignorava.

Até breve snr.....

Um leitor de gazetas.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça

III

M tão vasto edificio, com uma historia que remonta aos primeiros alvares da nacionalidade portugueza, e possuindo um numero consideravel de preciosidades, carece de uma descripção que melhor se acomodaria em um volume de muitas paginas, que nos acanhados limites de alguns artigos de uma Revista quinzenal, como a nossa.

Conforme o espaço que tivermos e o tempo que possamos dedicar a este trabalho, assim iremos dando conta, ainda que imperfeitamente, d'esse venerando monumento.

No II artigo, que publicamos em o numero 2 d'este volume, tratamos das rendas do mosteiro e da caridade exercida pelos monges. Hoje vamos descrever a nossos leitores o templo, esse livro de pedra que nossos maiores nos legaram, e que nós, ingratos!, tão mal sabemos guardar e respeitar.

Ergue-se a igreja no meio do mosteiro, em um grande largo que mede 22 metros de comprimento por 26 de largo. Do largo sóbe-se para um grande pateo por tres largas escadarias de pedra, guarnecendo o adro ou pateo 36 formosas piramides de quatro metros de altura.

A fachada da igreja mede 42 metros de altura e 24 de largura. A porta é formada de varios arcos ogivales, descançados sobre columnas com seus capitais de relevos variadissimos. Mettidos em nichos e aos lados da porta veem-se as estatuas collossaes de S. Bernardo e S. Bento, esculpturadas em marmore de Carrara, brincando as pias em que descançam, e os baldaquinos que as cobrem, muitos e variados ornatos e labores. Por sobre estas

estatuas corre uma elegante varanda decorada com quatro estatuas de marmore, representando as virtudes cardeaes.

Um pouco mais dentro e por sobre a varanda ergue-se o resto da fachada, composto de dois corpos, um dos quaes formado de graciosas janellas entre pilastras, e o outro composto das duas torres e um nicho com a imagem de Nossa Senhora, de marmore, medindo quatro metros de alto.

Penetremos no sumptuoso templo e admiremos tanta magestade e grandeza

E' formado de tres naves, compostas de 24 grossos pilares e dois meios de 4 columnas cada um e aquelles de 8, todas de marmore e com uma altura de 14 metros do pavimento aos capitais. O cruzeiro é dividido em duas naves por sete arcos. A capella-mór fórma um semi-circulo, de nove arcos sustentados por oito columnas, tendo no meio o altar-mór, por traz do qual ha um corredor semi-circular em que se abrem outros nove arcos, sete dos quaes destinados a capellas e os restantes para serventia do convento e da sacristia.

O comprimento do templo, desde a porta principal até ao fundo da capella-mór é de 106 metros, a altura é de 21 metros e a largura de 16 e meio metros. A luz entra no vasto edificio por 59 janellas rasgadas pelo corpo da igreja, cruzeiro e capella-mór.

No cruzeiro erguem-se sepulchros de variados labores onde descançam os restos mortaes de D. Alfonso 2.^o, D. Alfonso 3.^o, D. Pedro 1.^o, e os das rainhas esposas dos mesmos, D. Urraca, D. Beatriz e D. Ignez de Castro. Além d'estes ha outros onde repousam varios infantes.

Os tumulos das pessoas reaes são obras de arte, dignas de admirar-se, principalmente os de D. Pedro 1.^o e D. Ignez de Castro.

A capella-mór, que tem 16 metros de comprimento é adornada na abobada e arco de entrada de pinturas de ouro, e por toda a parte magnifica obra de talha dourada e bronzeada, e uma infinidade de paineis emmoldurados em talha dourada. O altar-mór tem 6 metros de comprimento e encosta-se a um pedestal de marmore das mesmas dimensões, e sobre este pedestal elevam-se oito estatuas de anjos de dois metros de altura, estufados a ouro, sustentando o sacrario, retabulo riquissimo e de fórma pyramidal, todo de talha dourada, mas de uma delicadeza de labores, e de tão rara belleza que o tornam uma obra de grande merecimento.

Em parte do corpo da igreja e do cruzeiro está o côro, com 78 cadeiras por lado, a que formam espaldar outros

tantos nichos com figuras em relevo, de estatura natural, representando os pontífices, cardeaes, bispos, e outros varões illustres que pertenceram à Ordem de S. Bernardo. Nichos e cadeiras é tudo de madeira lavrada excellentemente e guarnecidas de esculpturas de brincados e finos desenhos.

Paramentos, vasos sagrados, e mais objectos do culto, possuia os este mosteiro de uma riqueza pasmosa, mas, ao atear-se o pavoroso incendio que devorou as casas religiosas em Portugal, tudo desapareceu, e hoje, o templo de Santa Maria de Alcobaça, nas suas festas, ostenta as galas d'uma pobre capella de aldeia, mostra a penuria de uma igreja saqueada pelos barbaros, e que só lhe deixaram as paredes.

Se um dia entrares n'este vetusto monumento, leitor, não maldigas os homens que affincaram o alvião demolidor a este padrão das nossas glorias, não; ajoelha diante do altar da SS. Virgem, pede-lhe perdão para elles, e melhores dias para a Igreja Lusitana, presa ha meio seculo das garras da Revolução.

(Continua)

R.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

EL LIRIO INMACULADO, Ó MANUAL DO PEREGRINO DE LOURDES.—Assim se intitula um livro preciosissimo com que a Livraria da Immaculada Conceição, de Barcellona, nos mimoseou e de que hoje podemos fallar.

E' seu auctor o Rev. Frei Maria Antonio, missionario capuchinho, e foi traduzido para hespanhol por Doña Rosario de Solance, que fez um grande serviço com este trabalho, porque *El Lirio Inmaculado*, além de ser um compendio da historia das aparições e milagres de Nossa Senhora de Lourdes, é tambem um devocionario completo. Acresce ainda o estar escripto com uma singeleza admiravel e uma unção toda celeste, que nos captiva, que nos arrouba, que nos faz cair rendidos aos pés da imagem da Virgem de Lourdes.

O volume comporta 400 paginas, e custa em Hespanha duas pesetas.

ALMANAQUE DE LOS AMIGOS DEL PAPA.—Deve a Hespanha à redacção de *La Revista Popular*, de Barcellona, a posse d'este almanach, o mais interessante pela variedade dos artigos e poesias que o adornam, pelas magnificas gravuras que illustram suas paginas, e pelo aroma de religiosidade de que

está impegnado. Invejamos à nossa vizinha um almanach tão digno de ter entrada em todas as casas, e agradecemos ao nosso bom amigo, snr. D. Miguel Casales a offerta que sempre e todos os annos nos faz.

ALMANACH DA INMACULADA CONCEIÇÃO, edição da Livraria Catholica de Lisboa. Um voluminho com uma colleção de tabellas uteis e com artigos e poesias catholicas puras. E' modesto, mas, em Portugal, onde até em Almanachs se faz propaganda de impiedade e atheismo, é ainda um bem o apparecer este livrinho.

Custa 100 reis, pelo correio 110.

Ao nosso amigo snr. Joaquim Antonio Pacheco os nossos agradecimentos.

O CAMINHO DA FRANÇA.—E' mais um livro de Julio Verne, d'esse romancista que tem tantos conhecimentos em todos os ramos do saber humano, como desejos de instruir sem preverter.

O CAMINHO DA FRANÇA, é um livro cheio de peripecias, de descripções agradaveis, como todos os seus livros. Umavez domina-nos a anciedade, o desejo de chegar ao fim; outras, parece que desejavamos que o livro se fechasse, que não nos apparecesse mais, para não assistir a um desenlace fatal. São assim os romances de Julio Verne, que bem podem admirar-se por não serem focos de molestia contagiosa como quasi todos os romances que hoje se publicam.

Magnifico volume é este, de 240 paginas, bem illustrado, bom papel e tudo quanto se póde desejar n'uma obra typographica. Custa 900 réis, e é editado pela casa David Corazzi, de Lisboa.

AO CéO! AO CéO!—Tem este formoso titulo um livrinho de 74 paginas, devido à penna do Rv.º Padre Saint Omer, redemptorista, e vertido da 5.ª edição franceza por A. L. F. Tem por sub-titulo —Conforto às pessoas que soffrem, segundo Santo Alfonso Maria de Ligorio.

Conforto aos que soffrem! Bem podera o sabio auctor dizer, conforto para todas as pessoas, porque, quem é que não soffre? Quem não tem momentos de atroz soffrimento, e não cahiria na desesperação se não olhasse para o alto, se não fictasse o Céo, se não achasse na contemplação da felicidade eterna um balsamo, um conforto para suas dores?

Agradecemos a offerta que nos foi feita e não deixaremos de, em horas

aziagas de bradar com o auctor do livro—Ao CéO! Ao CéO!

Está approvedo e indulgenciado por S. Ex.ª o Snr. Cardeal-Bispo do Porto.

Quizeramos recommendar o livrinho, indicar onde se vende, qual o seu preço, mas d'isso elle nos diz.

Alberto dos Guimarães.

SECÇÃO NECROLOGICA



NECROLOGIO

A' memoria de minha avozinha, Angelica da Cunha Cardoso

TRISTE! voaste... Mais uma vez a implacavel parca furtou à vida um ente que me era tão caro. Triste sina!... Embora! O Céo é tua morada. Não me engano, querida avozinha. Esse titulo com que appellidavam os nossos irmãozinhos pobres «de mãe da caridade» não pode ser esquecido pelo nosso meigo Jesus.

Tu me ensinaste, quando menino, que um copo d'agua bebido por amor de Jesus tem subido merecimento.

Essa eschola da verdadeira sciencia, (da educação christã) que em minha saudosa e tenra infancia me ensinaste, será mais um titulo de gloria para ti n'essa ditoza Sião.

Sim, querida avozinha, esses conselhos que tão reverentemente escutava, serão a norma dos meus actos. Essas mãos que tão respeitadamente e tantas vezes osculei serão para mim objecto de saudoses e eternas recordações. Nunca me passarão da imaginação esse sorriso nos teus labios, que traduziam tão evidentemente a candura de tua alma; essa resignação, que só pode ter o verdadeiro christão, essa paciencia em conformidade com a vontade de Deus. Carinhosa em extremo, viste muitos de tua familia caminhar para a valia do cemiterio e com a resignação d'um Santo Job dizias: Deus m'os deu, Deus m'os tirou; seja feita a vontade do Senhor.

Eia pois, querida avozinha, estás no Céo... Gozas a companhia dos bem-aventurados. Tu, quando desterrada n'este mundo, só desejavas a Deus, só anhelavas essa Patria feliz e immortaldoura. Todos os teus entretenimentos, tuas conversações serviam para despertar o desejo do Céo porque sempre

suspiraste. Estás, portanto, de posse do objecto de tuas constantes aspirações...

Sim, querida avozinha, só estas considerações podem suavizar minhas dores e desecar algumas de muitas lagrimas que em torrentes deslizam por minhas faces.

Portanto já que não torno a ver essas mãos para me abençoarem cá na terra, abençoa-me lá do Céu; e lembra-te d'aquelle teu neto cujas mãos beijaste ha tres annos em sua 1.^a e sempre saudosa Missa Nova, intercede ao nosso doce Jezus em favor d'aquelle, que, entrecortado pelos soluços e banhado de lagrimas, te diz o ultimo e eterno Adeus.

Freitas 5—2—89.

Padre José Maria da Silva Peixoto.

Aos nossos bondosos assignantes

De novo recommendamos que quando haja de fazer-se qualquer alteração na direcção da nossa Revista, nos indiquem sempre os dois numeros que tem a cinta, ou mandar esta, o que é melhor, sem o que não poderemos attender a reclamação que se nos faça, e não podem culpar-nos porque a falta provem do não cumprimento d'esta nossa determinação.

A importancia das assignaturas, tanto atrasadas, como do anno corrente, pedimos nos seja enviada com a maxima brevidade, para que nos não vejamos em serios embarços, de que não possamos sair. A regularidade em tudo é o melhor meio de trazer as cousas em ordem, e o atrazo no pagamento é a maior das desordens.

Teixeira de Freitas.

Declaração

Achando-se ha tres semanas seriamente incommodado na cama o director do «Progresso Catholico», não lhe foi possível concluir o retrospecto da quinsena e é provavel que no numero seguinte não possa ser distribuido no dia competente. Todas as cartas que tem sido recebidas desde que começaram os dolorosos padecimentos não tem tido o expediente necessario, o que só terão quando Deus o permittir. Recommenda-se ás orações de todos os leitores.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Seculo, diario republicano e anti-catholico, que se publica em Lisboa, dava ha dias a seguinte noticia que a Agencia Havas lhe havia communicado, precedendo a mesma noticia d'este luxuoso cabeçalho, com que nós tambem encimamos a dita:

«Os frades da Grande Cartuxa.—Um monopolio de 80 milhões.—Os frades não tem escrupulos

Grenoble, 16, t.—Uma importante casa commercial de Londres offereceu ao geral da Grande Cartuxa oitenta milhões, para obter o monopolio do fabrico e venda dos seus afamados licores; e, para induzir os frades a effectuarem o negocio proposto, lembrou-lhes que os estatutos da sua ordem prohibem todo o trafico; mas o geral não está disposto a acceitar o offerecimento.»

Imaginemos por um pouco que a noticia é verdadeira e que os bons dos frades Cartuxos exploram uma industria que vale milhões. Imaginemos isso. Mas que mal vae á sociedade, que perigo ameaça a austeridade dos filhos de S. Bruno com o desenvolvimento que tem essa industria, de que a humanidade colhe abundantes bens, não só por se utilizar dos magnificos licores que só os monges sabem preparar, mas, o que vale ainda mais, com as abundantes esmolas dadas aos pobres, com es-

ses rendimentos que o *Seculo* diz orçar por milhões?

Qual é a lei, a regra, a constituição que prohibe os frades de trabalhar? O que todas as leis, todas as regras, todas as constituições prohibem aos frades, é a ociosidade, e o desejo, como tem muitos politicos de se sustentarem à farta, sem trabalho e à custa do pobre povo. Isso sim, que lhes é prohibido; agora trabalhar para repartir o producto do seu trabalho com os pobres, isso só lh'o prohibe o *Seculo* que vive no reino da lua.

Deu-nos agora para gostar do *Seculo* e havemos proval-o transcrevendo muitas das suas noticias.

Vá hoje mais esta:

«E' a cidade de Passadena, na California, a que está destinada a realizar aquella Republica ideal de Platão, reproduzida nos sonhos de Campanella, de Thomás Morus, de Cabet, de Enfantin, de todos os socialistas utopicos.

Ora vejam: não ha cafés, não ha tavernas, não ha policia, e as prisões estão vazias!!!»

Feliz cidade, confessamol-o; mas se é assim, hade haver um motivo qualquer, uma causa para tamanha felicidade. Essa causa é talvez não haver lá jornaes como o *Seculo* e outros de igual estofo, porque se os houvesse era necessario haver cafés onde se discutisse o que o *Seculo* escrevesse para a vadiagem; eram necessarias tabernas para lá se tratar como se haviam fazer os casamentos e os enterros civis; não se poderia passar sem policia porque alguém havia vigiar os operarios em greve; e as prisões estariam sempre cheias porque os leitores do *Seculo* haviam de estar sempre em continua reacção contra as leis do paiz, contra a auctoridade desacatando-a.

Por tanto ficamos sabendo, que para existir uma terra como o *Seculo* imagina, era forçoso não haver lá o mesmo *Seculo*.

Não é raro hoje, graças aos serviços da Revolução, encontrar occasiões em que seja necessario um sacerdote celebrar duas missas no mesmo dia, e como nem todos saibam as determinações da Sagrada Congregação do Concilio a tal respeito, reproduzimos a seguinte noticia ha pouco publicada na *Correspondencia de Roma*:

«Tudertina, Elaemosinae pro secunda missa.—15 de setembro de 1888.—F. B. da povoação de Colleranza na diocese de Todí, proximo á sua morte, em 1887, estabeleceu um legado de Liras 200 (cerca de 36\$000 Rs.) para

que em todos os dias sanctificados se celebrasse na unica egreja d'aquelle logar uma segunda missa pela sua alma, e para commodidade dos fleis.

Faltava porem o sacerdote que podesse ir alli e satisfazer o legado.

Ao mesmo tempo era extremamente necessaria uma segunda missa. O povo tinha augmentado muito, ultrapassando o numero de 700 almas, não podia assistir todo á unica missa que se celebrava na pequena egreja onde difficilmente podiam entrar 300 pessoas. A ida á parochia era difficil para muitos, especialmente no inverno. Era portanto absolutamente necessaria a faculdade de binar.

E como a congrua era tão miseravel, que não dava ao parochio sequer para viver decentemente, o parochio dirigiu-se á S. Sé, pedindo:

1.º A faculdade de binar;

2.º De poder d'este modo satisfazer ao legado de F. B. recebendo a renda do mesmo.

A S. Congregação, no dia 15 de setembro, tomou em consideração a supplica, e deu o seguinte rescripto:

Quoad binationem, affirmative, quoad usque alius sacerdos reperiat, quod secundam missam celebret; quod reliqua, negative.

Do que se conclue:

a) Quando claramente se derem as causas requeridas pela Constit. *Declarasti nobis* de Bento XIV, podem os Bispos permittir por si mesmos aos sacerdotes de celebrar a segunda missa. Se porem houver duvida de que existam taes causas, e, com muito maior razão, que ellas faltem inteiramente, e houver com tudo outros graves motivos para binar, é necessario submitter o caso ao juizo da S. Sé.

b) As causas requeridas para binar, segundo a citada Constituição, são quando um parochio só administra duas parochias ou duas distinctas povoações; ou quando o povo d'uma só parochia não puder ao mesmo tempo assistir todo á missa, e faltar um sacerdote para celebrar outra. Assim o declarou a S. Congregação do Concilio in *Salmatina*, 22 de fevereiro de 1862; e in *Cameraen*, 25 de setembro de 1858, etc.

c) a dita constituição Benedictina permite nos referidos casos a celebração da segunda missa, mas prohibe que o celebrante receba esmola por ella, ainda mesmo que o sacerdote seja pobre.

d) E com muita razão isto se prohibe; pois que a esmola não se dá pela missa, mas para o sustentamento quotidiano do sacerdote: e portanto basta a esmola da primeira missa. Receber uma nova esmola, teria a apparencia de avareza e simonia, e daria occasião a detracções e a escandalos. Por isso

a S. Congregação foi sempre rigorosa em não permittir esta segunda esmola.

e) Só quando se trata d'um incommodo estranho á missa, como o de um longo caminho, de trabalho, etc. A S. Congregação tem permittido a esmola da segunda missa. Assim decidiu in *Monasterien*, 11 de junho de 1845; in *Treviren*, 22 de março de 1861; in *Aprutina* 20 de fevereiro de 1886.

Ora no presente caso não havia incommodo extraordinario e porisso a Santa Sé, não consentiu.»

J. de Freitas.

Numeros premiados na ultima loteria de Lisboa, do anno de 1888, e que são tambem os que obtiveram o Brinde offerecido pelo *Progresso Catholico*, aos seus assignantes que pagassem a assignatura do 11.º anno, e mais 150 reis para habilitação ao Brinde, conforme o programma espalhado em o n.º 15 do 10.º anno:

Conclusão

2342	—2352	—2360	—2380	—2385
2392	—2396	—2398	—2401	—2402
2410	—2411	—2412	—2413	—2430
2437	—2445	—2456	—2462	—2515
2536	—2557	—2567	—2575	—2589
2596	—2609	—2610	—2617	—2622
2628	—2659	—2663	—2673	—2682
2690	—2710	—2716	—2717	—2725
2752	—2767	—2784	—2792	—2794
2796	—2809	—2834	—2835	—2846
2848	—2866	—2870	—2877	—2880
2884	—2888	—2892	—2901	—2904
2915	—2919	—2922	—2935	—2938
2942	—2946	—2958	—2976	—2997
2998	—3004	—3013	—3026	—3034
3037	—3043	—3047	—3051	—3052
3053	—3072	—3076	—3095	—3101
3110	—3122	—3131	—3133	—3145
3156	—3164	—3166	—3167	—3171
3180	—3187	—3190	—3207	—3232
3254	—3263	—3266	—3285	—3291
3305	—3313	—3314	—3328	—3329
3348	—3364	—3370	—3378	—3382
3389	—3416	—3417	—3439	—3451
3508	—3518	—3519	—3532	—3543
3548	—3558	—3565	—3568	—3571
3575	—3577	—3596	—3602	—3606
3607	—3628	—3635	—3646	—3651
3669	—3685	—3699	—3701	—3705
3710	—3717	—3731	—3733	—3744
3748	—3785	—3799	—3800	—3805
3816	—3821	—3823	—3845	—3872
3873	—3881	—3895	—3901	—3907
3911	—3914	—3922	—3953	—3956
3963	—3970	—3973	—4018	—4021
4024	—4028	—4029	—4030	—4044
4050	—4056	—4061	—4066	—4069
4078	—4079	—4090	—4100	—4114
4141	—4143	—4180	—4185	—4196
4204	—4205	—4208	—4210	—4211

4237	—4243	—4275	—4287	—4294
4306	—4311	—4326	—4330	—4335
4339	—4353	—4366	—4369	—4382
4383	—4395	—4397	—4408	—4430
4431	—4439	—4440	—4441	—4455
4462	—4477	—4487	—4500	—4503
4509	—4514	—4527	—4543	—4571
4580	—4600	—4602	—4632	—4634
4636	—4646	—4661	—4678	—4680
4681	—4682	—4691	—4692	—4694
4701	—4709	—4715	—4722	—4737
4761	—4794	—4805	—4816	—4828
4832	—4850	—4875	—4877	—4902
4907	—4917	—4929	—4949	—4959
4963	—4966	—4982	—4983	—4986
4991	—4994	—4998	—5001	—5004
5019	—5021	—5035	—5067	—5069
5073	—5077	—5078	—5087	—5095
5102	—5103	—5112	—5130	—5131
5140	—5164	—5180	—5194	

ANNUNCIOS

REPRESENTAÇÃO

DIRIGIDA

AOS PODERES PUBLICOS CONTRA OS JESUITAS

(MAGNIFICA TROÇA)

PELO

PADRE SENNA FREITAS

1 opusculo—100 réis

JESUS VIVO NO PADRE

CONSIDERAÇÕES

Sobre a excellencia e santidade do sacerdote

PELO REVERENDO PADRE MILLET, DA COMPANHIA DE JESUS

Versão da terceira edição franceza pelo Rev. Padre M. M. d'Almeida, offerecida ao Em.º sr. CARDEAL D. AMERICO BISPO DO PORTO e a todo o

Venerando Episcopado Portuguez

Com approvação do Em.º Cardeal-Bispo do Porto, Arcebispo de Milylene,

Arcebispo de Pergea, Bispo d'Angra, Bispo do Algarve, Bispo de Lamego,

Bispo de Bragança, Bispo de Vizeu, Bispo da Guarda, Bispo Conde, Bispo de Beja.

José Fructuoso da Fonseca. Editor

Preço, 700 réis—Pelo correio, 750 réis

Vende-se na administração do «Progresso Catholico» em Guimarães e no Porto na administração da «Palavra».

HISTORIA DE SANTA MONICA

PELO ABBADE BOUGAND

Vigario Geral de Orleans

Traduzida com a permissão do auctor em 1884 pela

VISCONDESSA DAS NOGUEIRAS

2.^a edição portugueza

Em meio do grande cataclismo que ameaça de perto a sociedade, não conhecemos nada que melhor possa deter a onda destruidora, levantada pela descrença, do que a educação, ministrada aos filhos pelas mães christãs. Dae ás creancinhas uma mãe, e dae a essa mãe o temor de Deus, e a sociedade futura será outra que não a actual.

Mas para que as mães tenham o verdadeiro temor de Deus, para que ellas saibam ser mães e as educadoras de seus filhos, forçoso se torna que ellas aprendam com as grandes mães, que conheçam os magníficos modellos que tem de imitar. Essa grande mãe, esse perfeito modelo das mães offertamol-a aos nossos leitores e ás leitoras principalmente na mãe de Santo Agostinho, em Santa Maria, cuja historia vamos publicar em 2.^a edição, tentando com isso prestar um grande serviço á sociedade, e ás patrias lettras.

Se nós conseguíssemos que este livro entrasse em todas as casas, fosse lido por todas as mães, por todas as filhas; que se dêsse ás creancinhas,

que o lessem as meninas nos collegios, oh! que grande serviço prestado, que fonte de bens para a humanidade! Mas será o que Deus quizer, o livro está no prelo e temos esperanças de que se espalhe bem, como merece.

Formará um volume de 400 paginas aproximadamente, e será impresso em bom papel, bom typo e em elegante formato em 8.^o

A 1.^a edição custou 18000 reis, mas nós, querendo fazer larga propaganda, e facilitar a sua posse a todos os nossos leitores, estabelecemos o seguinte:

Quem subscrever para esta obra monumental, custará apenas

500 rs., franca pelo correio

Depois de concluida a publicação, os poucos exemplares que restarem, custarão 800 reis. Escusado será dizer que fazemos esta edição em harmonia com muitos pedidos que já temos e contando com a cooperação de todos os nossos bondosos assignantes.

PADRE JOÃO CROISSET

ANNO CHRISTÃO

OU

Exercícios devotos
para todos os dias do anno

Approvedo e recommendado pelo Em.^{mo} Sr. Cardeal Bispo do Porto e pelos Ex.^{mos} e Rev.^{mos} Srs. Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas; Bispo da Guarda; Bispo de Vizeu; Bispo de Angra do Heroismo; Arcebispo de Mytilene; Bispo do Funchal; Arcebispo-Bispo do Algarve; Bispo do Bragança; Arcebispo titular de Perga, coadjutor com futura successão do arcebispoado do Evora; Bispo de Beja; D. José, Cardeal Patriarcha de Lisboa; D. Antonio, Arcebispo Metropolitano de Gôa e Primaz do Oriente; Bispo de Lamego; Arcebispo da Bahia e Bispo das Thermopylas e Prelado do Moçambique.

VERSÃO PORTUGUEZA

DO

P.^o FRANCISCO MANOEL VAZ

Antigo missionario da Africa Oriental

Está concluido o 3.^o volume d'esta importantissima publicação, e continua com toda a regularidade a distribuição do 4.^o Recebem-se ainda assignaturas aos volumes ou cadernetas, sendo as condições as seguintes:

1.^o volume por assignatura 18600, avulso 28000 reis.—2.^o volume por assignatura 18800, avulso 28000 reis.—3.^o volume por assignatura 18700, avulso 28000 reis.

Accresce o porte do correio.

Pedidos com a importancia a Teixeira de Freitas—Guimarães.

HISTORIA POPULAR DOS PAPAS DESDE S. PEDRO ATÉ NOSSOS DIAS POR MR. CHANTREL

Versão portugueza, por Antonio José de Carvalho

Approvada e recommendada ao Clero da sua Diocese pelo Em.^{mo} Sr. Cardeal-Bispo do Porto, e approvada pelos Ex.^{mos} e Rev.^{mos} Srs. Bispos de Angra do Heroismo, Funchal e Lamego

2.^a EDIÇÃO

Está distribuido o 2.^o volume aos snrs. subscriptores, em harmonia com o programma da publicação, e breve será enviado o 3.^o, a todos que antecipadamente enviarem a sua importancia.

Subscrição permanente

Preço de cada volume, por assignatura 18200

Para os assignantes do «Progresso Catholico», que tenham pago a sua assignatura, 900 rs.—Depois de concluida a publicação, custará cada volume 18500, ou 68000 rs. a obra completa—4 volumes. Não se envia volume algum sem que seja pago anteriormente. Assignatura e importancia, a Teixeira de Freitas—Guimarães.

O PROGRESSO CATHOLICO

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 18000 reis—Estados da India, China, e America, 18220 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis.

As assignaturas são pagas adiantadamente, não se recebem por menos de um anno, e este principia em 30 de Outubro

Toda a correspondencia dirigida a Teixeira de Freitas—rua de S. Damaso, 5 a 9—Guimarães